

## Saudação a Francisco Carvalho

*Artur Eduardo Benevides*

Quando Martins Filho, presidente de honra desta Casa, sugeriu-me que eu vos fizesse a saudação regimental e protocolar, confesso, meu caro poeta Francisco Carvalho, que fiquei extremamente feliz, pois acompanho, desde o início, a vossa ascensão no campo da Poesia, como um dos nomes de maior significação da Literatura Cearense dos nossos dias.

Considero-me honrado, pois, em vos expressar a alegria de todos nós por virdes participar, de agora em diante, do nosso convívio, ocupando a Cadeira número 31, patrocinada pelo incomparável Farias Brito, uma das glórias maiores de nossa terra, e cujo último titular foi Cláudio Martins, que dirigiu, por dezessete anos, os destinos de nossa Instituição, que tanto lhe deve.

E sempre me apraz louvar os poetas e artistas. Afinal, creio que fui dos primeiros a destacar o vosso valor intelectual, prefaciando vosso livro de estréia, após uma visita que vos fiz no escritório da empresa em que trabalháveis, onde conheci também outro poeta de rara altitude - Iranildo Sampaio.

Esse interesse por vossos versos, aliás, foi sempre crescente em mim. Sois uma âmbula viva da poesia e guardais, como todos os legítimos poetas, o sono das palavras e do tempo interminável, ou a sombra do eterno a iluminar o efêmero. Por isso vos saúdo com a maior emoção, reconhecendo a alta dimensão da obra que realizais.

Mencionei, certa vez, ao examinar um dos vossos livros, as metáforas arrojadas, a imagística órfica, a temática essencial e a linguagem nobre, em metros longos ou breves, além de um constante tom profético, mágico e lírico a engrandecer, perenemente, o monólogo poético, transmitindo-nos a riqueza de vosso universo interior.

A Poesia, diga-se de passagem, como uma das formas de juventude do Verbo, é, em termos de transfiguração imagética, uma espécie de renovação do Gênesis. Não que os poetas tenham, como Deus, o sagrado poder de criar. Mas, são, de certa forma, recriadores da verdade do ser e das imagens do tempo. A comparação com Deus seria, aliás, uma insanidade. Afinal, como escreveu Robert Schuller, “qualquer pessoa sabe contar as sementes que há numa maçã. Só Deus, porém, sabe dizer quantas maçãs existem numa semente”. E o Canto do poeta redesperta no ser humano a consciência das cousas essenciais e profundas, conduzindo-o às veredas do Paraíso Perdido, em que as auroras estão a dormir no silêncio dourado dos mistérios, de onde, com força arquetípica, todos os caminhos partem, sobretudo os que nos levam aos grandes silêncios da alma, que se transformaram, muita vez, no gemido dos séculos.

E é assim, desde os aedos e rapsodos, os bardos célticos e gálios, os vates romanos, os trovadores de França, os segréis e jograis ibéricos, ou os demais poetas que em terras inglesas, alemãs, flamengas ou itálicas, nas estepes eslavas ou nas praias do Mar do Norte, ergueram a voz, como legítimos clarins da História, para cantar a glória de seu povo, os murmúrios do amor, o *Carpe diem*, as doces memórias ou as saudades das pequeninas aldeias, às vezes com aquela lágrima invisível com que o nosso Gonçalves Dias, em terras da Europa, mandou pelos ventos sua Canção de Exílio.

E cantar é a vossa missão, meu caro Poeta, a vossa *faculté maîtresse*, o vosso destino histórico, a vossa alquimia de alma, a vossa responsabilidade diante de um mundo preocupado com os computadores, as armas químicas e bacteriológicas, ou indiferente às palavras de fogo dos profetas, que anunciam para breve a grande catástrofe escatológica. A cousa é tão séria que voltamos a indagar, com Saint-John Perse, se no mundo atômico haverá lugar para a lâmpada de argila do poeta, ao que ele mesmo responde: sim, se de argila ainda se lembrar o homem.

Que fazer, então? Deixar de cantar e trair a mensagem e os estandartes de luz dos grandes poetas? Esquecer Homero, Dante, Virgílio, Camões, Milton,

Shakespeare, Dom Luís de Gôngora, Cervantes, Yeats, Claudel, Verlaine, Rimbaud, Garcia Lorca, Rilke, Hoelderlin, T. S. Eliot, Fernando Pessoa, Pablo Neruda, Ezra Pound, Leopold Senghor, Mallarmé, Jorge Luís Borges, Vicente Aleixandre, Octavio Paz, José Albano, Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt? Não e não! Graças aos poetas, surgiu, ao longo do tempo, a memória dos argonautas, dos heróis simbólicos do *Gilgamexe*, do Palmeirim de Inglaterra, do Amadis de Gaula, de El Cid, de Cyrano de Bergerac, de Ofélia e do Hamlet, de Martins Fierro, de Tristão e Isolda, de Romeu e Julieta, dos Cavaleiros de Camelot, do Rei Arthur, do Werther, de Dom Quixote e de tantos mais, sendo justo lembrar, entre as formas preferidas, o lied alemão, o madrigal renascentista, a *chanson* dos trovadores da França, as Cantigas de Amor e de Amigo, o soneto petrarquiano-camoniano, as baladas irlandesas, os acalantos e as doces modinhas e xácaras do Brasil. E ficaram mais belos os plenilúnios, os mares, as nuvens viajeiras, as aves das montanhas, as antemanhãs, as fontes, as lagoas adormecidas e as rosas nascendo, com a utilização de metáforas, metonímias, sinestésias, hipálages, sinédoques, hipérboles, assonâncias e aliteraões, tudo isso para embelezar o verso, projetando no leitor, ou no ouvinte, a visão interior das cousas imperecíveis, a ternura do êxtase amoroso e a esperança, luz insubstituível.

Se - *gratia argumentandi* - desaparecessem um dia todos os poetas (e lembrei isso ao saudar nesta Casa a poetisa Regine Limaverde), quem nos iria falar do mistério das viagens, do poderoso olhar das mulheres, do girassol e da nuvem, ou das frágeis borboletas amarelas, dos cemitérios marinhos, das rosas que duram apenas o espaço de u'a manhã, dos diálogos com as fontes, das moças que fugiam de madrugada na garupa de prata do luar, ou da última corrida de touros em Salvaterra? Quem nosalaria da dança dos sete véus, da solidão do velho pescador da novela de Hemingway, da rimbaudiana *saison en enfer*, da árvore dos enforcados, ou do desespero triunfal de Beethoven a compor, já surdo, a Nona Sinfonia? Sim, quem nosalaria da nêspira dos sonhos, dos sótãos senhoriais onde as sombras cochilavam esquecidas de suas próprias formas, ou das proustianas raparigas em flor, das

*leaves of grass* whitmanianas, das Dames du temps *jadis*, ou da tristeza universal do outono, quando tudo tem as cores do adeus? Seria demais lembrar-vos os Andantes Cantabiles que em nós se reencantam ao entardecer, meu caro Francisco Carvalho? Sem vós e os demais poetas do mundo, quem recordaria os fontinelleanos castiçais dos monos, as barquinhas de papel em que viajava, feliz, a nossa infância; os sonhos que nos sonhavam sob grávidas luas estivais; ou a felicidade no olhar quase vazio das velhas bailarinas aplaudidas de repente, do poema de Schmidt? A Poesia é uma espécie de dor transfigurada. É mistério, sofrida meditação e mágoa. Como escrevi cena vez, é um marinheiro na velhice, com a nostalgia do mar a ferir sua lembrança, ou um homem afagando em pensamento os cabelos da filha que não nasceu.

O poeta é uma voz na História. Sua presença dignifica a cultura dos povos. E a beleza de sua obra fulgura sobre o espírito humano, enquanto ao longe ecoam as trombetas de Jericó, os Oráculos se inquietam, o Inferno de Dante se escancara, a “vil tristeza” camoniana se espria, os festins de Baltazar se multiplicam, o joio vence o trigo, as ovelhas tresmalham, havendo entre o céu e a terra, shakesperianamente, muitas cousas que a nossa vã filosofia não alcança e que só a Poesia pode apreender, como o último sopro de Deus para salvar o homem.

O momento que vivemos é extremamente difícil para o amor e terrível para a solidão do homem, tão fatigado de si mesmo, como produto de filosofias agnósticas e ideologias que não lhe deram as respostas desejadas. Em meio a tudo isso, porém, o poeta ergue o seu Canto, absolutamente indispensável ao processo de reumanização da vida. E só ele sabe fazê-lo, pois, como disse John Updike, “pode-se construir até mesmo um avião invisível, mas não se pode criar um grande poeta”. E a lição é eterna - *poeta nascitur*. Cumpre missão redentora, como intérprete do ser.

E é o que também fazéis, meu caro Acadêmico Francisco Carvalho, desde *Cristal da Memória*, de 1955, até *Rosa dos Minutos*, em 1996, sem esquecer *Canção Atrás da Esfinge*, *Do Girassol e da Nuvem*, *Memorial de Orfeu*, *Os Mortos Azuis*, *Quadrante So-*

*lar, Barca dos Sentidos e Artefatos de Areia*, entre outros livros, em que dais testemunho da vossa comovida cosmovisão e de vosso sentimento diante dos seres e das cousas.

Por isso, sois recebido solenemente, hoje, nesta Casa, onde ocupareis a Cadeira número 31. Juntemo-nos, então, aos outros poetas da Academia - Marly Vasconcelos, Carlos d'Alge, Cid Carvalho, Dimas Macedo, Regine Limaverde. Horácio Dídimo, João Jacques, Costa Matos, Barros Pinho, Linhares Filho, Pedro Henrique Saraiva Leão, Sânzio de Azevedo, Beatriz Alcântara e Juárez Leitão - e continuemos a escrever os nossos versos, talvez com a pena tirada da asa daquela ave misteriosa do poema de Jorge de Lima, ou daquele belíssimo pássaro abatido no deserto, lembrado por Augusto Frederico Schmidt, e cujo bico aberto guardava um grito perdido e terrível.

Ajudai-nos com a luz de vossa inteligência, pois de mais luz, a exemplo de Goethe, que a pedia desesperado na hora da morte, necessitamos todos, neste final de século. E Deus nos ajude. Ou nos dê as últimas respostas, para que as coloquemos em nossos versos, sobre os quais, um dia, os Anjos deitarão, talvez, nossa cabeça. Ou nos conceda forças para que continuemos a acender diariamente, diante do mundo injusto e cego, os candelabros da poesia, tentando iluminar os seres na escuridão da noite.

Estou feliz em vos receber.

Bem-vindo, pois, nobre poeta e amigo!

A Academia se rejubila e se enriquece com a vossa presença.